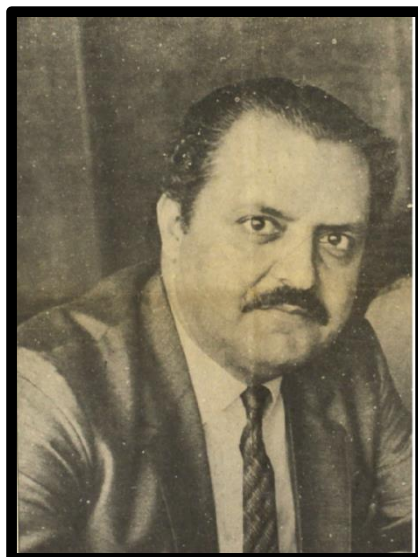


**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas  
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



**Salim Assina:**  
reportagens, matérias, entrevistas, notas e comentários  
Volume: 4 – **Diversos - 1951 - 1963**

Organização e digitalização: Iraci Borszcz  
Enilde Regina Mai Jordanou  
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016  
UDESC – FAED - IDCH

# Sumário

001: A verdade nas letras e artes: 26 de out. de 1956 .....	3
002: A verdade nas letras e artes: 16 de out. de 1956 .....	4
003: A verdade nas letras e artes de out. de 1956.....	5
004: A verdade nas letras e artes 9 de set. de 1956 .....	6
005: A verdade nas letras e artes: 17 de set. de 1956 .....	7
006: Literatura e arte: 10 de fev. de 1957.....	8
007: Literatura e arte mar. 1957 .....	9
008: Literatura e arte 17 de fev. de 1957 .....	11
009: Artes e letras 22 de set. de 1963 .....	12
010: A folha nas letras e artes 8 de jan. de 1954 .....	13
011: A folha nas letras e artes.....	14
012: A folha nas letras e artes.....	15
013: Pagina literária : Cenas da vida brasileira - 21 de out/1951 .....	16
Índice por ano .....	17



# 002: A verdade nas letras e artes: 16 de out. de 1956

## MIGUEL, Salim (Dir.) A verdade nas letras e artes. Jornal a Verdade. Florianópolis, 16 de out. de 1956, pag. 5.

# A Verdade

## nas Letras e Artes

Dirigido por SALIM MIGUEL

---

**DEPOIMENTOS - VI**

**EDMOND JORGE**

Nacido Edmond Jorge Japur, em 1933, filho de Elias Abi Japur e de D. Diamantina Jorge Japur. Cedo sua família se mudou para Florianópolis. Aqui iniciou seus estudos no Grupo Escolar e posteriormente no Instituto de Educação Dias Velho. Fez somente até o primeiro ano do Curso Científico não tendo continuado por não se condunar, o método de ensino adotado, com o seu temperamento. Mas isto não impediu que continuasse a estudar. Pelo contrário. Deslocouse, daí em diante, mais a fundo.

Pode, portanto, ser considerado um auto didata. Isto, se por um lado às vezes causa dificuldades sérias no que tangente aos métodos a seguir, por outro, num caso como o de Edmond Jorge, que já tinha uma diretriz traçada, vem não só dar certas facilidades, como ainda permitir que a pessoa adquira mais confiança em si mesma, sabendo qual a tarefa a realizar e como realizá-la.

Preocupa-se, principalmente com estudos de arte e religião primitiva. Tem, no gênero, uma das melhores bibliotecas especializadas do Estado. Faz estudos sérios e conscienciosos, pesquisas demoradas e tem, no momento, em preparo, dois volumes de ensaios ("Arte Primitiva" e "Mito e Religião"), que deverão aparecer nas páginas "Sul". E, atualmente, secretário da revista "SUL".

Edmond Jorge, pela sua aplicação e pelos seus conhecimentos, é um jovem que honra a nas novas gerações catarinenses. Infelizmente, nos vai

**Antão e a Cheira**

Silveira da Cunha

Para o sustento de seus 20 ou 25 animais de tração, a firma ervateira gerenciada por meu avô Amazonas agestara, lá para os lados norte da cidade, alguns acres de terra fértil para o plantio do milho.

Quando a cheira iniciou a sua implacável invasão de terras e campos e o granizo largou-se a martelar as plantações do município todo, os empregados lá do roçado agradeciam ao bom Deus haverem-se com patrão capaz de compreender-lhes as necessidades. Meu avô sabia tratá-los, reconhecia-lhes os préstimos. Mesmo sem serviço por diante, dada a ocorrência da colheita gozava conservava-os na folha do pagamento. Ainda mais, actuava nas agruras, agestava-lhes a conta na farmácia, facilitava-lhes as provisões de boca e a roupa. Era uma santa alma o meu avô Amazonas no dizer dos reconhecidos. Um homem e tanto.

Em tempos idos fora pobre também. Curtira misérias, sofrera o diabo. No entanto não abatera o esmorecimento. Isto não, que era de sangue forte e orgulhoso de converter as cas compridas, embora rötas e remendadas.

Dera no bante. Labutando, labutando, experimentara os mais variados empregos irco de recados, carroceiro, guardião... Até mesmo prático de farmácia naquele tempo, em que a desgraçada gripe espanhola fez mortos e mortos por este Brasil a fora. Conhecia, pois, patões de todos os tipos, bons e maus.

Complacido, muitos outros criéis ao entanto, pelo que passara compreendendo o sofrimento alheio. Realizava-se. E lutava por encontrar jeito de saná-los cu minorá-los ao menos.

— O —

A dona Anastacia, mulher de um dos cabras do rogado mãe de tres piazones descordos, o mais velho perto dos 7 anos, atrado na cama pelo paralisia infantil desejava falar com o seu gerente. Implorava uma caridade.

Minha avó fê-la entrar e des-

**Desenho de RODRIGO DE HARO**



---

**PASTORAL**

ELIZABETH GALLOTTI

I

*E o mais carinhoso da minha voz e o mais grave, ficou em todos os vizinhos de água e nas eternas flores amarelas e no barulho de lódas as cachoeiras frias como a tua ausência. Eu fiquei em todos os verdes e fui paz e a simplicidade mais pura de todos os elementos.*

II

*Os meus olhos se repousaram do verde no amarelinho gentil das flóres e o canto da tesourinha me contou que fazia primavera e sol. A tua saudade em mim foi se alongando com os eucaliptos alcançou a estrêla que foi entregar longe o meu impossível carinho. E o vento deve ter falado da tarde que fazia nos meus olhos, amigo.*

**Apontamentos Críticos**

**"Os Escorpiões" - Romance Premiado**

sem função exata, ou melhor, merecimento de dar vida ao movimento literário e cultural em Santa Catarina nos últimos dez anos. Esse mérito torna-se maior quando se sabe por que dificuldades passou e que se sofreu ataques sobre.

6 — Em que obra trabalha atualmente?

— Atualmente num livro de ensaios sobre Arte Primitiva, especialmente americana, e em outro sobre Mito e Religião, além de esboços para trabalhos futuros. E principalmente estudos.

---

Dizer que esperávamos mais deste livro é a pura verdade. Mais por que? — se perguntará, e com razão. Não conhecíamos o A. de- tínhamos lido um que outro conto, poucas eram as referências, que haviam nos chegado a respeito do livro. Esperávamos mais devido ao prêmio, sem nos lembrarmos do quanto são falíveis os prêmios. No entanto a obra não é má. É um livro correto, bem escrito, com uma linguagem sóbria, precisa, num estilo que poderíamos chamar de pessoal. Talvez essa busca exaustiva e a nosso ver imprecisa de perfeição formal, contribua para a impressão de frieza que o livro nos deixa. Saímos dele indiferentes. Embora o A., por diversas vezes, tente nos convencer precisamente do contrário, ao livro falta calor humano, participação, integração, mais um pouco de comunicabilidade. Os personagens são por demais estudados, pensados, estudados e pensado o efeito a tirar das situações, das sequências, que não decorrem normalmente. Lidando com um problema sumamente difícil — a adolescência — o A. às vezes se perde e a psicologia dos tipos fica um tanto distorcida. Aqueles adolescentes que cruzam o livro não são adolescentes comuns, normais, como os que encontramos diariamente diante de nós, como os que conhecemos quando fomos adolescentes. Então não existiram? Não diremos tal. Formaram excessão e não regra. Humanidade de parte. Não é apenas Leopoldo, são todos os demais companheiros de escola, é a colega e posteriormente namorada, é a visão de todo aquele mundo, são mesmo os adultos que passam pelo livro, são os problemas debatidos, é a captação do problema que nos dá o A. Parece-nos que os personagens SÁBEM que são personagens, como no teatro, que estão sendo estudados, observados, e então "posam" para nós, querem convencer o leitor da sua qualidade de "diferentes", seres por vezes privilegiados e que estão envolvidos em tramas transcendentais. Nada tem nem querem ter com a humanidade comum.

O próprio bancário Sarmento é um tipo deslocado na história.

los dos infinitos problemas da adolescência. Aquele grupo forma uma elite, entediada com o mundo vulgar que a cerca.

Um exemplo a citar, talvez sob características um tanto diferentes, está "O Ateneu", de Raul Pompéia, livro até hoje sem igual na literatura brasileira, onde os temas são focados de um ângulo preciso e exato, onde as figuras surgem certas, trabalhadas com exatidão, mas, embora vivam a vida da infância e adolescência. Na literatura não, distal tempo, para citar uma obra bem conhecida, "Le Grand Meaulais", de Alain Fournier, onde, a nosso ver, a análise dos sentimentos do adolescente atinge mais fundo. E o entrelaçamento do cotidiano com o exótico, do particular com o geral, dos sonhos e desejos com a realidade.

A zotar no livro que comentamos a quase nenhuma participação na "local", se assim nos podemos exprimir, muito embora o A. insiste em nos demonstrar a participação do Capibaribe na história. Há mesmo alguns trechos da maior importância para a compreensão do todo, para a melhor percepção da história, desenrolados às margens do rio. Mas não há uma integração, uma participação direta, vivida. Não é necessário que seja AQUELE RIO, especificamente. Bastaria que fosse um rio. E pronto. Pelo menos nós sentimos, como em outras obras, esta necessidade de ser uma coisa determinada, particular, e não aquela.

... e nos dá é um Recife estereotipado, onde o povo, como as massas, não vive, não participa, simplesmente passa, amorfamente. Onde até uma festa popular, na sua descrição, com tudo o que poderia ter de típico e local, é feita sem vibração, sem essa intensidade tão característica das festas populares. Insistimos: não há participação de povo de gente, de figuras humanas em carne e osso, sangue, mas bonecos que o autor vai colocando no palco e manejando à medida que deles necessita.

(Conclui na próxima "Página")

# 003: A verdade nas letras e artes de out. de 1956 MIGUEL, Salim (Dir.) A verdade nas letras e artes. Jornal a Verdade. Florianópolis, 8 de out. de 1956, pag. 2.



Direção de SALIM MIGUEL

DEPOIMENTOS - III

OSVALDO DE OLIVEIRA

## Artistas Catarinenses - IV

Rodrigo de Haro nasceu em 1835, no bairro de Saint Germain, em Paris. Filho de Martinho de Haro e de D. Maria Palma de Haro. Iniciou seus estudos no Colégio Catarinense, transferindo-se depois para o Instituto de Educação Dias Velho. Estudou pintura com seu pai, o pintor Martinho de Haro. Estamos diante de um caso onde o proferido é mais do que acertado: "filho de peixe..." Vocação nata Rodrigo de Haro desde pequeno se interessou por pintura. Tendo o exemplo em casa, veio do pai trabalhar constantemente, fácil lhe foi, aos poucos, ir também fazendo suas experiências. Encontrou no

pai um fator de estímulo e encorajamento. Muito jovem ainda, terá, por certo, uma carreira brilhante. De uma grande sensibilidade, já vai dominando a arte tão difícil do desenho. Trabalha atualmente em retratos. Pinta coleções, amigos, conhecidos, procurando captar não o exterior, o fetiche, mas o que a pessoa possui de mais íntimo, a personalidade de cada um. Sabe que em arte, o principal é a humildade, a compreensão de que quanto mais estudamos, mais chegamos a conclusão de que estamos no começo de uma longa e difícil caminhada. Sem isto, sem este sentido

da humildade, todo trabalho se torna vazio de significado. Admira principalmente Giotto, Fra Angelico, P. Ucello, Neroccio Di Bartolomeo Landi e a pintura italiana de 1399 a 1400. Além disto El Greco. Dos nacionais prefere Guignard. O desenho que dele damos é da última fase e um dos mais característicos. Nele estão refletidas todas as suas possibilidades, as suas qualidades e defeitos, a sua maneira séria de encarar o desenho, a visão toda pessoal que tem do que seja o retrato. Poucos traços, linhas simples porém precisas, e captação do que exista de essencial na pessoa.

Osvaldo Trancredo de Oliveira, literariamente Osvaldo de Oliveira, é filho de Osvaldo Neves de Oliveira e de D. Maria Palmira Trancredo de Oliveira. Nasceu em Palhoça, em 1923. Estudou em Florianópolis, no Instituto de Educação Dias Velho. Começou como professor, mais tarde trabalhou na aeronáutica, e atualmente Fiscal do Imposto de Consumo. Embora sempre interessado em problemas culturais, lendo e estudando muito, começou a publicar relativamente tarde, isto levando-se em conta o nosso meio, onde em geral se começa quase na infância. Esta circunstância lhe dá uma grande vantagem sobre os demais colegas de geração, pois que quando começou, já começou com um estilo próprio, sóbrio, sem as múltiplas indecises dos principiantes. Escreve lentamente. Não tem preocupação com publicação, conhece quase todos os recantos do país, tem um grande cabedal de experiências de casos de material transportável para o papel. Está preparando um volume que intitulou "Histórias do Sertão" e o depoimento que damos aqui é o depoimento que damos a seguir: 1 - Como, quando e porque começou a escrever? - "Conheço a história da imprensa. Viajava constantemente, percorrendo os mais diferentes lugares do país. Impressionaram-se as características peculiares de determinadas regiões. (Rio S. Francisco, Sertão Nordeste, Sul de Mato Grosso, etc.). Observando e tirando conclusões senti necessidade de expandir um pouco, para contar as coisas que via. Foi assim que o esboço ganhando pelos meus modestos conhecimentos literários. Venço encorajado pelos companheiros da revista "Sul". E comecei, então, a narrar, através de contos, aquilo que via, tendo o início em 1952, com "Pepe", que fala sobre a vida fronteiriça do Sul de Mato Grosso com o Paraguai. 2 - Quais os escritores que mais o impressionaram e influenciaram? - "Romain Rolland, Balzac e Dickens. 3 - A seu ver quais os escritores brasileiros mais importantes? - "Apesar de conhecer pouco a obra de Machado de Assis, tenho que me curvar neste ponto, ante a opinião geral, e citar um primeiro lugar. Castilho em "O Homem".

tro Alves Cascelliano Ramos e Euclides de Cunha seguem-se de perto. O livro de atual literatura brasileira desenvolve-se de uma maneira extraordinária, com as liberdades políticas e o livre intercâmbio cultural. 5 - Em que movimento cultural de Santa Catarina? - "Iniciou-se a "revista Sul" que reúne todos os maiores autores da literatura catarinense, pelo menos abrangendo os que, através de dificuldades, lá, discute, difunde e propaga literatura. E, so-

breitado através da revista que a literatura catarinense é conhecida lá fora. Se há aqui um "movimento literário" organizado, creio que este está ali reunido. 6 - Em que trabalha atualmente? - "Um volume que reunirá, além dos contos já publicados, mais outros, desenvolvendo o mesmo tema. Deverá se intitular "Histórias do Sertão", mais outros, desenvolvendo o mesmo tema. Deverá se intitular "Histórias do Sertão" e aparecerá numa das próximas edições "Sul".

## Marquês Rebelo, o Museu e Florianópolis

Da entrevista fornecida por Marques Rebelo ao correspondente de "A HORA" nesta capital, há alguns trechos, referentes a Florianópolis, que merecem ser destacados. Já é bastante conhecida a simpatia do escritor carioca por nossa cidade. Tendo vindo a Florianópolis, pela primeira vez, em 1948, com uma exposição de artes plásticas, gostou do meio, da cidade tranquila, das pessoas, e foi voltando. Organizou, auxiliado pelo atual Governador Dr. Jorge Lacerda, e pelo grupo da revista "Sul", o Museu de Arte Moderna, que hoje já possui um patrimônio valioso. Tem divulgado, às vezes, as coisas catarinenses. No seu livro "Cenas da vida brasileira", são inúmeras as referências que faz a fatos aqui ocorridos.

Da entrevista a que nos referimos começa Marques Rebelo estranhando que em lugar do casarão antigo, mas com uma característica arquitetônica própria, se esteja a construir "bobagens de cimento armado". Fala nos dois "horroamentos" que lhe apontaram e do "orçullu" de alguns ilhéus pela novidade que apresentam as "buites". "Ora", declara ele - não sei que espécie de progresso possa ser este".

Tendo vindo a convite do Governador, para tratar do caso do Museu de Arte Moderna, é aí que mais se demora, frisando que se torna necessário um prédio para o museu, onde o mesmo possa funcionar regularmente, organizando exposições, cursos, palestras, etc. "Um museu - diz ele - deve ser um organismo vivo, atuante, não mero local para se guardar quadros". Destaca o trabalho realizado pelo grupo da revista "Sul", lamentando apenas que nas apresentações das edições, a parte gráfica, seja tão pobre. Apela então ao Governador para que olhe pelo parque gráfico do Estado, a imprensa oficial, dotando-a não só de material, mas também de técnicos, de pessoal especializado. "Arte gráfica não é um luxo, é uma necessidade. Não basta que o conteúdo de uma obra seja importante. É indispensável que se apresente de uma maneira que seja fácil e agradável, convide à leitura".

Na entrevista a que nos referimos começa Marques Rebelo estranhando que em lugar do casarão antigo, mas com uma característica arquitetônica própria, se esteja a construir "bobagens de cimento armado". Fala nos dois "horroamentos" que lhe apontaram e do "orçullu" de alguns ilhéus pela novidade que apresentam as "buites". "Ora", declara ele - não sei que espécie de progresso possa ser este".

## Ofício de Homem

Fernando Pessoa Ferreira

Sentado em sua angústia ele governa o arguto desconcerto dos sentidos. Calcula as suas sombras comovido: o cinzento do amor, os céus de terra

Infinitos e graves à espera. Seu turvo paléio, feraz amigo, descece as mágoas, resistências, libas, acientes diários dessa guerra.

Ele percebe o seu ofício simples e a lucida tristeza de seu corpo. Porém, o olhar é feito de improviso,

conspiração de ausência, desconforto. E a fábula se inventa presentindo o sonho, doce fórmula de sibismo

Curitiba - novembro - 1955

PREMIO FABIO PRADO de Poesia - 1954

Nasceu em Recife em 1922 - Jornalista

Radicado em Curitiba desde 1953 - O livro "OS INSTRUMENTOS DO TEMPO" está no prelo e sairá em fins de setembro, pela editora Livros de Portugal (Lisboa Rio).

## Apontamentos Críticos

### O escritor e a crise da humanidade

manidade" e "Humanismo" e "Humanização", lidas e havidas como "caminhões bimbalhantes" ... Enfim, conseguiram os pessimistas refutar o Humanismo, vivo, palpitante insidioso? Proclamou André Gide, em Munique, certa vez, que "os poetas haveriam de salvar o mundo". Quem são esses "poetas". Será um Lafcadio de seu livro que nos salvará? E Kafka, o grande Kafka, em torno de quem tanto burilho se faz em França, na Alemanha, na Itália? Kafka vivo, de mesmo, em eterna luta, contra a enfermidade do corpo e do espírito; não possui o manto judeu da criação, este lhe havia extraviado o vento. Kafka viveu horrorizado a ação de um realismo mecânico, desumano, inglório. Mas os seus sucessores, que pretendem que fizemos a história fizeram-lhe a idéia - transformaram-lhe o horror sadio em luz e mundo do desumano. Esses mesmos transformistas que adoram o mundo impio, sua confusão de burocratismo e de clamorosas injustiças sociais, o mundo do "castelo" onde se acastilham desmesos em seus horrores imaginários. Sartre e também a grande moda, pois fala muito de liberdade e liberdade... bem, liberdade cada qual a interpreta - seu bel prazer... Essa pretensa filosofia da liberdade de Sartre - um clichê

dentro da angústia, - é nada mais que um desconchavo num mundo desconchavado. Denominava-a Carl Schmitt, há dois séculos ou mais, a doença do caminho a tomar na vida, qualquer que fosse esse caminho. Seus heróis são, quase sempre, ou o causador do assassinato de um despois ou um crime sem sentido, um crime "em si", motivado pelo simples desejo de matar. James Burnham, por sua vez, em seu retrato de uma sociedade composta de colossos super-poderosos e de burocráticos formidáveis, devotada a um mundo de "manager". Mostra-nos os efeitos abstratos de um mundo mecanizado, da burguesia em destruição. Não oferece solução nenhuma. Tudo é teoria de desumanismo. O que haveria a opor-se a esse estado de coisas, indaga-se, arfido? Boris Cioranov citava as palavras de Maximiliano Gorki: "Homem, o orgulhoso palavra". Poder-se-ia juntar-lhe a expressão de Brecht, em "Galiléia": "Eu caio na Ração, isto é, eu caio no Homem". Nestas palavras há mais, muito mais que simples confissão de credo. Provém da fonte primordial e histórica, de que o Homem se transformou radicalmente através do desenvolvimento histórico. Se nós vivemos hoje o nosso mundo apenas da perspectiva abstrata, sem continuidade histórica, sem as causas da desumanidade de hoje, então sim, resta-nos apenas a figura humana de deus e de ingenuidade. Não nos esqueçamos, irritado da transubstanciação humana em suas causas. Diante dela perde seu horror o inumano abstrato de Heidegger, de Sartre e os Epígonos de Kafka. Abre-se a restauração de um Humanismo libertador, esclarecedor, não no sentido de um não otimismo, mas como reconhecimento das verdades e legítimas possibilidades do Homem feito à semelhança de Deus. AUGUSTO SYLVIO

004: A verdade nas letras e artes 9 de set. de 1956
MIGUEL, Salim (Dir.) A verdade nas letras e artes. Jornal a Verdade. Florianópolis, 9 de set. de 1956, pag. 2.

Artistas Catarinenses - I
Direção: SALIM MIGUEL
NOTICIÁRIO
Publicações Periódicas:
VELHA Praxe...
NOTA sobre o artista
Recital de Henry Jolles
Apostamentos Críticos
Um romance político (x)
POEMA de Província
ANIBAL NUNES PIRES



## 006: Literatura e arte: 10 de fev. de 1957

MIGUEL, Salim; SOUZA, Silveira (Diretores). Literatura e arte.

Jornal O Estado. Florianópolis, 10 de fev. de 1957. Suplemento Dominical

Suplemento Dominical de "O Estado" - 10-2-57

# Literatura e Arte

Direção de Salim Miguel Silveira de Souza

---

## A BIBLIOTÉCA, OS NOVOS E OS VELHOS

III

Carlos Adauto Vieira

Grande número de pessoas desperdiça o seu tempo por não ir ou não poder ir à nossa Biblioteca Pública. Muitas — sei disso com certeza — estimariam muito frequentá-la, mas tem a impedi-las o horário da própria biblioteca.

É uma verdade.

A nossa Biblioteca abre tarde, acompanhando o horário das repartições estaduais.

Não me parece acertado tal fato, porque não dá oportunidade a que um grande número de pessoas, que começa a trabalhar às 9 horas, vá, aproveitando um pequeno espaço de tempo, ler um pouco. E estas pessoas ficam pelos cafés, esquinas, e jardins sem nada que fazer, aguardando o momento de irem para as repartições ou empregos. Desperdiçam, assim, precioso tempo, durante o qual poderiam aprender um pouco mais e, até mesmo, tornar-se mais aptos e mais úteis.

Acho que a nossa Biblioteca deveria começar a funcionar às 8 horas da manhã e só encerrar os serviços às 22 horas, revezando-se, naturalmente, os funcionários para os não cansar muito.

Também outro deveria ser o horário dos sábados e dos domingos. Não deveria deixar de haver expediente aos sábados à tarde e pelo menos aos domingos pela manhã, dias em que quase todos estão de folga. Assim muito mais poderia ser aproveitada a Biblioteca, prestando maiores benefícios à população, pois esta é a finalidade de uma biblioteca, particularmente em um país como o nosso, onde o grau de cultura é tão baixo e há tanta necessidade de homens cada vez mais capazes.

## Sem barreira no céu

Sem Barreira no Céu (Sound Barrier) é o filme que assistirão hoje, às 10 horas da manhã, no Cine Ritz, os associados do Clube de Cinema de Florianópolis. Com esta sessão, abre o Clube novos rumos nas suas programações, em benefício do bom cinema. Explica-se: os Estabelecimentos José Daux S.A. passam a conceder aos cineclubistas de Florianópolis uma gentileza realmente merecedora de elogios, uma sessão extra, exclusiva e senonua, a começar de hoje, de todos os filmes de boa qualidade artística anunciados pela Firma, antes da sua exibição comercial.

Dá início à nova fase do CCF o filme *Sem Barreira no Céu*, que traz como garantia o nome de DAVID LEAN. Já assistimos dele, há pouco tempo, *Quando o Coração Floresce* (Summertime), considerado por alguns críticos a sua obra-prima. Também películas como *Desencanto* (Brief Encounter) e *Oliver Twist* atestam o talento e a segurança deste excelente diretor inglês. Estreiam o filme Ralph Richardson, Ann Todd, Nigel Patrick e John Justin. O argumento do *Sem Barreira no Céu* é de autoria do teatrólogo Terence Rattigan.

Assim, o Clube de Cinema de Florianópolis alcança mais uma vitória nos esforços que vem empreendendo para proporcionar aos associados as obras de real valor dentro da arte cinematográfica.

Para o ingresso na sessão de hoje, às 10 horas, deve o socio apresentar apenas o seu cartão de cineclubista relativo ao Ciclo D.

## POEMA

LILA RIPOLL

Estou sózinha e tenho as mãos vazias.  
Mas meus olhos não choram  
e o meu canto é de esperança.

A terra está bordada de insetos e de fibras  
e o vento é uma cortina de perfume.

Nalgum canto da terra  
anda teu passo,  
sob as altas estrelas cintilantes.

Teu passo andar e largo anda nas ruas  
transformando em ação pensamento.

Amo a noite que foge,  
a terra e os homens,  
e o carpinho que abriste à minha frente.

Estou sózinha e tenho as mãos vazias.  
Mas meus olhos não choram  
e o meu canto é de esperança.

## Artistas Plásticos Catarinenses



VENDEDOR DE TORRADINHO

— Desenho de D. Brandão

## MAURA

Conto de Silveira de Sousa

Muitas vezes a vi, naquelas tardes da minha infância, através da janela. Ela corria e pulava nas calçadas, des preocupada, entre um bando de meninas. Tinha a risada cristalina, que se desprendia a todo o momento, pela menor bobagem. Ria sem motivo, riso a-tôa. Falava rindo cumprimentava rindo as pessoas.

Nossa, essa menina sempre com a boca escancarada! O carpinho magro e mal formado não prometia grande coisa. Movia-se com agilidade, como se fosse elétrico. Pois as pernas finas não tiravam quietas, trepavam nos pequenos muros, pulavam corda, corriam a rua, pra cima e pra baixo.

A memória é cheia de histórias. Não sei dizer se a rua era alegre ou se triste. Vejo retângulos de luz, que logo apagam, cobertos por manchas de sombra. Lembro os dias de sol e a rua brilha viva, intensa, risinha no ambiente dos moradores dos transientes, da pozeada travessa. Vem-se os dias de vento sul, então a invade a poeira, cerram-se portas e janelas, somem as pessoas. Fica solitária, friorenta, redemoinhando papel e poeira sob um céu de chumbo.

No jardim da minha casa o vento batia no rosto de Maura. O vento agitava os zéranios (chamávamos peixinho), inclina as margaridas, pequenos sóis amarelos de raios brancos. Amávamos o periquito novo, presente da tia Madalena.

— Olha como ficou gozado Marinha.

Balançando no ramo de buxo, as asas caídas, o periquito nos olhava de lado o'lhinho redondo e espantado, pendurado por um pé, cabeça pra baixo.

— E mesmo.

Deu uma risada. Tomou no colo. Acarinhou-a a cabeça, com o dedo.

— Tadinho do meu tiquinho!

O bicho se encolheu, semicerrou os olhos, agradecido. Sem que o soubesse, a voz de Maura me enleava de há muito numa rede de ternura. Ouco-a hoje como uma nota de suavidade, em meio às rugaridades dos dias.

Subindo a rua, "seu" Vicente, pai de Maura, cambaleava bêbado, na tarde abafada de verão. Trabalhava na estiva, um gigante, músculos enormes saltavam-lhe dos braços. Nas janelas, a vizinhança dividida em penalizadas e divertida.

— Coitado!

Coitado nada, cachaceiro. Isto sim!

— Deu pra isso, de um tempos pra cá.

— Tenho pena de dona Alzira, coitada!

— Que vergonha!

"Seu" Vicente esbravejava furioso, um discurso ininteligível. A garotada ria em algacarra. Dona Alzira corou para o marido, gorda, de chi-neles. Palavrões a enxota rum. Persistiu, aflita!

— Pelo amor de Deus, Vicente! Pelo amor de Mari-Santíssima!

— Pai, vem pra casa, pai! Maura chorava. Segurou um braço do pai. O gigante abriu-a e bateu-lhe.

Bateu-lhe no rosto, na cabeça, bateu-lhe no corpo. A figura minúscula se estorchi, gritava inutilmente. O choro se expandiu na rua, apelo vão de encontro às fisiconomias inertes.

Odeia a rua, odeia a vizinhança. Corri para casa, que não vissem o odlo que tive de mim mesmo.

No dia seguinte já havia esquecido o caso. Maura também trazia as risadas de sempre. Tantas eram as seduções da rua e da infância!

Esquecia-me dizer: naqueles tempos a rua era minha.



## 007: Literatura e arte mar. 1957

MIGUEL, Salim; SOUZA, Silveira (Diretores). Literatura e arte.

Jornal O Estado. Florianópolis, mar. 1957. Suplemento dominical

Supl. Dom. de "O Estado" - 3-1957

# Literatura e Arte

Direção de Salim Miguel e Silveira de Souza

## MANAGRO

Conto de Arnaldo Brandão

Todas as tardes, por volta das quatro horas, aparecia nas imediações do chalé, a figura de uma mulher magra, demasiadamente magra, coberta por um lenço negro que lhe descia da cabeça até à altura dos joelhos, dando-lhe a impressão correta de uma Parca que ali viesse a procura de seu interrompido fio.

Mostraram-me ela uma dezena de vezes. Olháva-se com desdém. Pouco me interessava a figura estranha e misteriosa daquela mulher que, cronometricamente, surgia e que também, na hora exata, desaparecia como se fosse uma sombra, uma visão sobrenatural.

Até mesmo os cães dela fugiam. Crianças escapavam, aterrorizadas e homens evitavam olhá-la de perto, delin-

xando-a caminhar e rondar livremente o chalé, aquela hora, já pleno de sombras da noite de inverno próxima a cair.

Managro — um velho pescador que passava as tardes inteiras a remendar rédeas velhas que seus companheiros traziam pela manhã prometiam vir buscá-las atombando da noite, foi quem, certo dia — me falou da mulher de lenço preto e porte excessivamente aguilão.

— Não acredito, Managro não acredito. Disse-lhe e a após escutar o que o remendão me contara.

— Não acredito, pela simples razão de que histórias dessa maneira, são contadas e recontadas o ano inteiro por essa gente rude que — igual a você — passa horas inteiras a meditar e imagi-

nar coisas, enquanto as mãos retêm um canico ou fio de uranzol... Formam, então, em suas cabeças, as histórias mais lúgubres e tenebrosas que um mortal possa imaginar. Tenho experiências com essa qualidade de gente. Não é a primeira vez que venho à beira mar...

— Managro não mente, senhor... Managro é pescador velho e já viveu muito observou muita coisa...

— É um tipo comum. Em todas as aldeias de pescadores, vamos encontrar sempre o remendão de rédeas que trabalha com o cérebro e com as mãos ao mesmo tempo. Que arquiteta narrações estranhas, próprias parecem-me da profissão...

— Managro viu com seus olhos que os peixes não quiseram comer...

E o velho homem levou a mão trêmula e rugosa até a órbita esquerda e fez descer, um centímetro abaixo a pálpebra enrugada e purulenta, motivada por alguma inflamação consequente do último vento sul.

— Managro era menino quando chegou aqui na aldeia. Só havia dois pescadores, meu pai e o marido da velha... Meu pai morreu cedo e o marido da mulher de lenço preto morreu tarde, muito tarde...

Meu pai, quando Deus chamou em uma noite de temporal, o marido da velha, não...

E sorriu feio. Dentes pretos e quebrados.

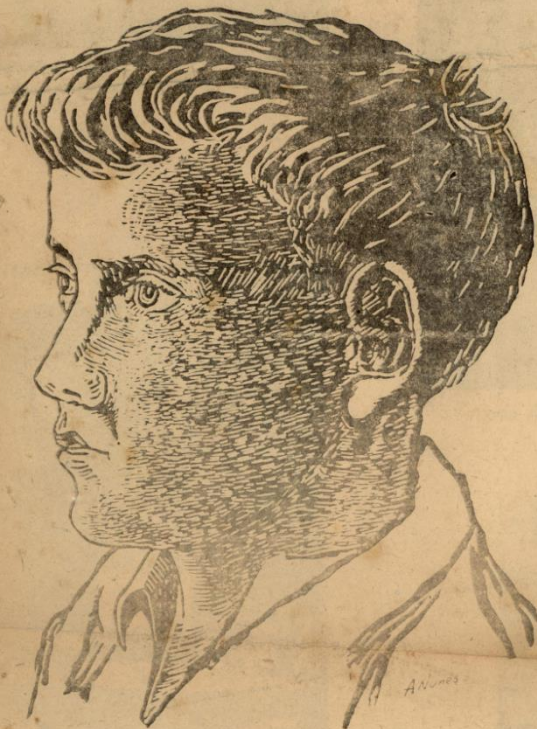
— O marido dela... ah, ah... O senhor não acredita, porque o senhor é bom... O marido daquela bruxa não morreu quando Nosso Senhor o chamou, mas sim, quando a mulher o quiz...

Sentei-me na proa de uma embarcação que se achava puxada e olhei demoradamente seu interior onde havia algas verdes e escamas secas.

— Escute-me, senhor, acredite ou não, mas repare quando a velha surgir, como ela traz em baixo do braço um catuto com água.

(Cont. em outro local)

## ARTISTAS PLÁSTICOS CATARINENSES



CABEÇA DE MENINO — Desenho de Aldo Nunes

## CLUBE DE CINEMA

O Clube de Cinema de Florianópolis, encerrando a programação "Literatura e Cinema", dará início ao Ciclo E, que se trata de uma retrospectiva do diretor WILLIAM WYLER, obedecendo a seguinte programação:

- Dia 11 — Perdição por amor
- Dia 16 — Chagas de Fogo
- Dia 23 — A Princesa e o Plebeu
- Dia 30 — Tarde Demais

As sessões serão realizadas como sempre, no Salão Nobre do Colégio "Dias Velho", sendo que, com as três últimas, volta o Clube a funcionar no antigo horário dos sábados, às 20 horas, em virtude da reabertura das aulas no citado Colégio.

## ARNALDO BRANDÃO

Arnaldo Brandão é um filho de Itajaí que tem elevado o nome de Santa Catarina no campo das letras.

No ano próximo findo, a Editora Gráfica Laemmert Ltda. entregou ao público leitor "O Vendedor de Pílhões", um de seus últimos trabalhos. Do agrupamento hábil e harmonioso de alguns de seus contos, especialmente selecionados, nasceu esta obra, retratando, de modo geral, a vida quotidiana e simples em terras barraigas-verdes. Buscar o interessante na simplicidade, dar relevo ao belo e transmitir tudo ao público de maneira acessível, eis as principais preocupações demonstradas pelo autor. Dedicado inteiramente à literatura, Arnaldo Brandão compreendeu que o mundo moderno exige também no setor literário obras modernas, narradas com simplicidade, clareza e de fácil assimilação.

O fator tempo é muito importante para o homem de hoje. Compreender com exatidão, sentir com magni-

ficência e concluir corretamente e rapidamente, são coisas preponderantes. Nos dias atuais, era da técnica, pressa, a máquina, super produção de reformas sociais, etc: nada pode parar. Progresso e continuidade se relacionam intimamente. Todas estas circunstâncias foram consideradas pelo autor do "O Vendedor de Pílhões", que, com rara habilidade, soube proporcionar deleite e encantamento através de seu livro não descurando jamais das comodidades reclamadas pelo leitor.

Do mesmo autor, que é jornalista formado pela Faculdade Nacional de Filosofia do Brasil, no Rio, são conhecidas diversas obras de alto valor literário. "Ba-fond" "Poemas de Arban", "Um Brasileiro nos Caminhos da Europa", "Sol Perpendicular", "A Taverna do Gato Branco" e "No Mundo da Luz" são também trabalhos seus todos consagrados pela crítica.

Talharbas S. Martins Costa

## Managro

(Cont. da última pág.) to de um cenário onde se desenrolara uma tragédia shakespeariana.

gua... Repare bem, se não é como estou dizendo... Traz aquela água porque o catuto que o marido levou no dia em que se afastou da terra para a grande... de verão, continha água envenenada, ah, ah, ah, e foi ela, foi a bruxa quem o preparou... ah, ah, ah...

Hoje, ela morre de remorsos. Dizem que o marido aparece, todo dia à meia-noite, e pede-lhe água pura. Marca um encontro com ela no chalé como referência — justamente às quatro horas. Dizem também que o morto já perdeu e esqueceu a traição da esposa que o envenenou para viver com o Tebaldo. Aparece, apenas para pedir-lhe água, água pura, um catuto com água que ele possa beber e matar a sede que o atormenta, ah, ah...

E a assassina vem. Vem e traz a água e traz o catuto e o leva de volta para trazê-lo novamente no outro dia, ah, ah, ah, e vai tempo em cima disso, já vai um tempão! Ah, ah, ah...

— Sorriso estúpido, sorriso de velho caduco, peixe comigo, quis dizer-lhe, porém me calei. Deixemos o velho idiota.

Dai a pouco surgiu a mulher com o catuto na mão conforme falara Managro e olhou para o chalé, sondou o oceano, vagou um pouco pela praia e lá se foi de volta com o vasilhame cheio d'água, de água pura como lhe pedira o marido em sonho, em delírio ou em alguma visão.

Managro olhou para mim e piscou o olho purulento. Deslisou pelas mãos nodosas a rede perfeitamente conservada. Em seguida, levantou-se à altura do nariz e fez passá-la diante dos olhos para constatar que não havia mais buraco. Dobrou-a cuidadosamente e colocou, sobre ela, uma pedra limosa.

— Ah, ah, ah, o senhor não acredita, o senhor não acredita... Então qual é a explicação?... Quer dizer que o marido não aparece e não lhe pede água?... O senhor é muito inocente, senhor é muito bom...

Não é a primeira mulher que mata o marido por causa de outro, mesmo que seja mulher de pescador...

Levantei-me e sacudi da calça algumas escamas que haviam se aderido a ela. Olhei para o velho Managro e para seu cachimbo que fumegava. A noite que caía, punha manchas escuras por todos os lados e dava à paisagem o verdadeiro aspecto

Managro se pôs a caminho de casa e eu, ao seu lado, caminhava indiferentemente. Ambos pensavam naquela história. Cada um a seu modo, cada um com a sua opinião...

Cento de  
Araldo Brandão

**008: Literatura e arte 17 de fev. de 1957**  
**MIGUEL, Salim; SOUZA, Silveira (Diretores). Literatura e arte.**  
**Jornal O Estado. Florianópolis, 17 de fev. de 1957. Suplemento**  
**Dominical**

Suplemento Dominical de "O Estado" - 17-2-57

# Literatura e Arte

Direção de Salim Miguel Silveira de Souza

## O Papagaio

Conto de J. Simões Lopes Neto

O reverendo Padre Bento de S. Bento — que o Senhor talvez conhecesse, não? — era um santo homem paciente — paciente paciente! — como naquela época outro não havia.

Nos cirros de burlantim, muita coisa curiosa tenho apreciado: cachorros sábios, cobras que fazem provas, cavalos dançarinos e burros que a dente pegam o palhao; pela-a atrás das pantalonas; mas a paciência, para esse ensino não pode compararse, não pode-se, com a do reverendíssimo.

O Padre Bento, farto de aturar sacristães e não querendo estragar a sua paciência, que estava lhe na massa do corpo, resolveu dizer as suas misérias sozinho.

Ficava as galinhas, o milho, etc., depois pichorramente paramentava-se e apachorramente esperava hora de oficial; chegava, encaminhava-se para a altar, e começava e concluía, parte por parte, tudo muito em ordem.

Mas o fié, o bom bom era quando entrava na ladainha:

— ele cantava o nome do sono e uma vizinha esquisita porém muito clara respondia logo:

— O -o-a por nobis!

E os fiés, em seguida, pela pequena nave afora, acudiam ao estribilho:

— Ora pro nobis!

Dessas ladainhas assistiu eu a muitas, na capelinha de S. Romualdo, que era próxima a nossa casa, na vila de...

Agora sabem quem cantava as ladainhas do Padre Bento?

Era o Lorota, um papagaio amarelo, criado na gaiola e muito bem falante...

Com ele divertime muitas vezes:

— Lorota, dá cá o pé!

E éle, ensinado pelo padre respondeia, amável!

— Cotado!... O padre morreu e o Lorota, não tendo mais a quem dar contas, pichorram-se os anos.

Uma vez, estava eu na Serra, numa espera de onça quando senti — confesso não médo, mas um arrepio de... frio — quando ouvi, nas profundezas do mato virgem, uma ladainha religiosa!...

E pautada, afinada, bem puxada em sumá!

Seria um sonho... Estaria eu errado na focal das onças, e em vez de estar na floresta cheia de bichos ternos, estava na vizinhança de algum convento, de alguma capela, de alguma romaria?...

E a ladainha, compassada e cheia, vinha se aproximando:

— Bento S. Bento!  
 — Ora pro nobis!  
 — Santo Atanásio!  
 — Ora pro nobis!  
 — S. Romualdo!  
 — Ora pro nobis!

Eu mergulhava os olhos por entre os troncos, os cipos e as japecangas a ver se bispava uma cor de opa, uma luz de tocha, uma figura de gente; nada!

Nisto, a ladainha pousou nas árvores, por cima de mim. Pousou, sim, é o termo próprio, porque quem cantava era um bando de papagaios e quem puchava a ladainha era o papagaio do Padre Bento, era o Lorota!

A paciência do bicho!... Ensinar, direitinho, aos outros, a cantoria toda!

Fasmo daquela espetáculo e dividindo, quis tirar uma prova real, e perguntei para cima:

— Lorota? Dá cá o pé!...

Pois o papagaio conheceu a minha voz, conheceu, porque logo retrucou-me com a antiga resposta que éle sempre dava:

— Romualdo é bonito! Bonito!...

E como para obsequiar-me fez um — errr! — como aviso de comando e reconheceu a ladainha:

— Bento S. Bento!  
 — Ora pro nobis!  
 — Santo!...

Nisto tremou o mato com (Cont. em outro local)

### O ROSTO E A MASCARA

— Eglê Malheiros —

Por detrás das convenções  
 E da expressão estabelecida,  
 A ternura.

Ondas infinitas  
 Dessa imensa e desolada ternura,  
 Mais desconsoladora  
 Que o odio,  
 Que o revoltado desespero.

A face,  
 Luta e pensamento,  
 Procura desvaída  
 De uma explicação,  
 Explicação...  
 Resposta... para o mundo  
 E um louco,  
 Um ardente  
 De-ajo de paz.

O rosto desnudo,  
 De rancorinos e axiomas,  
 O desejo triste, omnipresente  
 (Melancolia do inatingível)  
 De ternas ansieas  
 Que o homem sonha  
 Mas não se dá.

No reflexo  
 Do mundo infinito  
 Os doces, quase infantis  
 Inconclusos  
 Gestos de carinho;

O homem sem máscara:  
 Um punhado de ternura,  
 Um grito alucinado  
 Por calma e paz.

(De MANHA — poemas — Cadernos SUL, II, 1952)

### PRÊMIO "MONTEIRO LOBATO"

Damos abaixo as bases do concurso instituído pela C.E.N.

Art. 1.º — A Companhia Paulista de Escritores. Os membros da comissão não poderão, em qualquer hipótese, concorrer ao prêmio.

Art. 2.º — A Comissão Julgadora decidirá por maioria de votos, devendo a sua decisão, tomada em caráter secreto e irrevogável, ser dada três meses depois da encerrada as inscrições.

Art. 3.º — As inscrições ao concurso serão encerradas a 30 de julho do corrente ano, e o prêmio ao vencedor será entregue a 22 de novembro, durante o Banquete que, naquela data, a Câmara Brasileira do Livro promove como parte dos festejos do Dia do Livro.

Art. 4.º — Os trabalhos deverão ser encaminhados, na forma do Art. 3.º, à sede da Sociedade Paulista de Escritores, à rua João Bricola, 46 — 10.º andar, salas 1017 e 1022 — São Paulo, acompanhados de carta, em envelope fechado, em que se declare a intenção de concorrer, indicando nome completo nacionalidade, profissão, endereço e título do trabalho concorrente.

Art. 5.º — A comissão fica reservado o direito de não conceder o prêmio, sempre que julgar não ter sido, nenhum dos trabalhos concorrentes, merecedor dessa distinção.

Art. 6.º — os originais apresentados ao concurso não serão devolvidos.

Art. 7.º — os originais apresentados ao concurso não serão devolvidos.

Art. 8.º — os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria da Sociedade Paulista de Escritores.

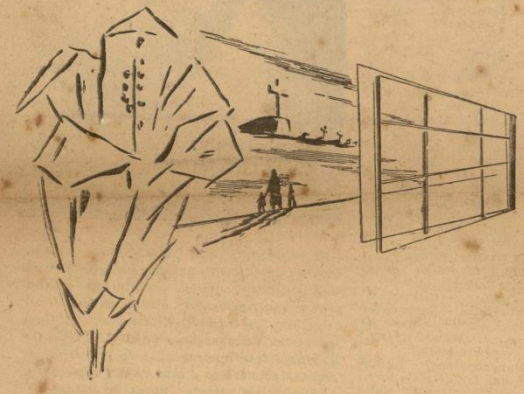
### JOÃO SIMÕES LOPES NETO

(1865 — 1916)

Foi um dos maiores escritores regionalistas da nossa literatura. Nasceu em Peçotas, Rio Grande do Sul. Foi também jornalista, mas nos seus contos, focalizando cenários e costumes da gente gaúcha, é que se há de medir a sua grandeza. O melhor da sua obra está reunido em **CONTOS GAUCHESCOS** e **LENDAS DO SUL**.

O conto de hoje foi extraído de **CASOS DO ROMUALDO**, publicação póstuma. Trata-se de uma série de contos fantásticos e pitorescos, que nos lembra, por vezes, as célebres histórias do Barão de Munchausen, vividas num cenário caboclo.

### Artistas Plásticos Catarinenses



FLORES — ilustração de Hiedy de Assis Corrêa para um conto de Anibal Nunes Pires.

009: Artes e letras 22 de set. de 1963
MIGUEL, Salim; SOUZA, Silveira (Diretores). Artes e letras. Jornal O Estado. Florianópolis, 22 de set. de 1963, pag. 3.

Artes e Letras

DIREÇÃO:
PÉRICLES PRADE
SALIM MIGUEL
SILVEIRA DE SOUZA

A POESIA de Péricles Prade

Pôncio dá na existência anedota de trece apresentador, de tou sentimental, je dois garder le silence et rester où je suis.



Descrições alusivas e obscuras duma experiência sofrida no mais íntimo do ser e desconhecida portanto para o próximo. A consciência implacável do tempo e da pro...

Meu silêncio é uma grande floresta (IRACY GENTILI)

Quando a nevoa cair na montanha infecunda talvez eu deya caminhar e chorar minha noite Talvez eu deya reinventar as buscas e partir para o enigma...

Digam-me Deusus: Trazeis flores nos dedos ou vindes anunciar colheitas de frutos sem mistério?

Resenha

ANTOLOGIA. Serão em treze tomos os originais do volume "CRONICAS", organizado pelo escritor Silveira de Souza...

A última peça de Tennessee Williams, "The Milk Train Doesn't Stop Here Anymore" estreou no Teatro Morosini, na cidade de Nova York...

DEZ MELHORES CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

Conforme havíamos prometido em notícia anterior, divulgamos a seguir o resultado de um inquérito, realizado com machadistas de Florianópolis...

EDICOES LETRAS PLUMINENSES

Recebemos um exemplar da Revista "Comunicação", órgão da União Brasileira dos Escritores...

Pelos Municípios: Notícias de Rio do Sul

DO CORRESPONDENTE CYZARA ENCONTRO FETIVO-LISTO EM BENEFICIO DO OBRASANTO PARA MENINAS EM IDADE DE TRÊS ANOS OPERADO PELA PREFEITURA MUNICIPAL.

Como parte das atividades em conexão ao "Dia da Pátria", em 1963, se realizou no bairro do Rio do Sul, Faltaram sobre a proposta...

Em sessão da Câmara realizada dia 17 de setembro, o vereador Manoel Honório, líder da UIN...

PARTICIPAÇÃO

BOAO PEDRO MENES E SENHORA CUSTODIO GONCALVES E SENHORA IREMAR E DALTON

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE FERRO

Diretoria de Vias de Transporte 2. Batalhão Rodoviário

Chamamos a atenção dos interessados para o Concurso Oficial, conforme Edital nº 1/63, publicado no Diário Oficial de 27 de agosto de 1963...

REX-MARCAS E PATENTES

Agente Oficial da Propriedade Industrial Registro de marcas, patentes de invenção, nomes comerciais...

na Associação do Grupo "Paulo Zinnemann" e pela volta de Silveira Prade que mantem...



CAIXAS DE DESCARGA o certificado atesta a experiência comprova

ACOMPANHIA CERTIFICADO DE GARANTIA REVENDEDORES AUTORIZADOS EM TODOS OS PAIS

ECONOMIA & FINANÇAS

ORIENTAÇÃO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DA UNIVERSIDADE DE SANTA CATARINA

A ATIVIDADE ECONÔMICA E O TRABAHO A ATIVIDADE ECONÔMICA E O TRABAHO

II de uma série Criado livre, o homem assim deve manter e desenvolver, conservando porém sua integridade...

Na associação em trabalho e competência há uma íntima de capital, pode dizer-se, está a solução do problema.

O desenvolvimento das "modas vivas" entre o capital e trabalho tiveram na época do capitalismo o objetivo de fomentar a produção...

A nova estrutura, assim criada e desenvolvida através de mais de século até nossos dias, tem sido entre elas as credulias, as quais, a par de outros fatores, tem permitido, ao longo do tempo...

E bem de ver que o sistema econômico e social diverso em sua estrutura, que não atua em relação entre capital e trabalho e que a luz destes últimos e que se deveria procurar considerar referidos fatores...

## 010: A folha nas letras e artes 8 de jan. de 1954

MIGUEL, Salim (Dir). A Folha nas letras e artes. Folha Popular.

Florianópolis, 8 de jan. de 1954, pag. 6.

# A Folha nas Letras e Artes

Direção de SALIM MIGUEL

## I. Existe uma literatura Catarinense?

Ninguém mais perde tempo a ler livros que não possuam o mínimo de potencialidade literária e que não apresentem, pelo menos, uma possibilidade nascente onde se possa, mesmo por intuição artística, perceber realizações futuras de estética literária. A literatura é ou então não é literatura. As possibilidades do passado, que ficaram somente nas possibilidades não pesam e não afirmam uma literatura catarinense. Uma literatura não se realiza com autores e obras que foram, simplesmente, esperanças e tentativas; às vezes divagações em horas de ócio. O presente é só possibilidade

## Existe uma Literatura Catarinense?

que difere da do passado por ser possibilidade em potencial, dinâmica, viva. Tudo, entretanto, é tão complexo que devemos desconfiar das soluções e afirmativas simplistas.

II. Quais os requisitos para a experiência de uma literatura catarinense? Tudo ao redor de nós vibra e está pedindo, há anos, que alguém perceba essas vibrações e as expresse, sem artificialismos e, por uma necessidade, tão imperiosa e natural quanto desabrochar da flor, o despertar do sexo e o nascimento de um novo ser. O ma-

terial aí está: O drama do mineiro de carvão, o lirismo das populações costeiras, dos pescadores e das rendeiras, a colonização alemã e a italiana, os jagunços, o ridículo dos baurremos e da política de província, o continente, a ilha, a ponte e tudo mais. Vemos e sentimos essas objetividades todas mas é necessária, absolutamente necessária, a apreensão artística das coisas e dos fatos.

Então, só o que diz respeito aos nossos problemas é que pode constituir uma literatura catarinense? Olhando-se o pro-

blema através de um aparelho simplificador, diríamos que sim, pois seria literatura catarinense para o mundo, tendo em vista que a literatura é uma arte e a arte é universal. Se a matéria prima fosse outra que não aquela, teríamos literatura do Brasil para o mundo. Dêsse modo, os requisitos que se referem a esta pergunta, resumem-se num só: "Apreensão das coisas com mais de cinco sentidos."

III. Se existe, quais as características dessa literatura?

Prejudicada.

Fpolis, 8/1/54

Aníbal Nunes Pires, Professor, formado em Direito, Diretor da Revista "SUL"

1.ª) Se considerarmos como literatura catarinense não o conjunto literário escrito por catarinenses mas sim uma obra com unidade, apresentando características absolutas por influência do meio das tradições locais, dos grupos étnicos, então creio não existir tal literatura. É verdade que houve e tem havido tentativas esparsas de regionalismo não só no pro-

Continua na pagina 7

## PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE INTELLECTUAIS

Deverá se realizar, de 14-21 de fevereiro, em Goiânia capital do Estado de Goiás, o primeiro Congresso Nacional de Intelectuais. Neste conclave serão debatidos importantes problemas atinentes às atividades culturais, bem como outros que de uma maneira ou doutra atinjam os intelectuais e que, em última instância, são os mesmos que atingem toda a coletividade. Centenas de assinaturas já foram recolhidas nos mais diversos Estados, inclusive aqui. Para a realização do Congresso o governo de Goiás, votou uma verba de quinhentos mil cruzeiros, sen-

## Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais

do os congressistas considerados hóspedes oficiais do governo. Nomes dos mais representativos da cultura estrangeira serão convidados. Em quase todos os Estados vem se realizando, etc. Abaixo damos a convocação, bem como o Temário do Congresso, sendo que todos os Intelectuais catarinenses estão convidados a darem seu apoio a este magno certame. Espera-se que uma boa Delegação, interessada e esforçada, compareça, fazendo com que Santa Catarina seja represen-

tada nos trabalhos. CONGRESSO NACIONAL DE INTELLECTUAIS

O Brasil possui um patrimônio cultural que se criou e vem se enriquecendo no decurso de toda a sua história e que representa valiosa contribuição ao tesouro comum da cultura universal.

Nos mais diversos ramos da nossa cultura verificam-se peculiaridades que bem revelam as virtudes criadoras do povo brasileiro. No entanto, os intelectuais brasileiros estão con-

venidos de que é necessário e urgente um esforço conjunto e fim de preservar o caráter nacional de nossa cultura, vencer as barreiras que hoje mais do que nunca se opõem ao seu livre desenvolvimento e permitir que se estabeleça o mais amplo intercâmbio cultural com todos os países, em benefício da cultura de toda a humanidade.

É certo também que os intelectuais brasileiros não tiveram oportunidade até aqui, de

promover e manter contactos permanentes entre as suas diversas categorias profissionais e compreendem que daí decorre a maior parte dos obstáculos à execução de medidas comuns em defesa de seus interesses éticos e profissionais.

Estas considerações nos levam a propor a realização de um "CONGRESSO NACIONAL INTELLECTUAIS", em que se reúnam escritores, artistas, cientistas, educadores, cineastas, jornalistas, juristas, pesquisadores, editores, profissionais

liberais, técnicos, universitários, musicistas, poetas, rad-

Cont. na pag. 8 deste ca...

Verdadeiramente não é, nem um pouco, uma surpresa, pois já conhecíamos de há muito o autor e suas possibilidades no terreno da ficção. Possibilidades das mais amplas. Vocação verdadeira, positiva, de ficcionista, para nós é ele o que mais promete entre os novos autores catarinenses. Aliás esse promete que aí atrás ficou é um bocadinho desagradável. É espécie de carvão de luz comum para se dizer de quem nada mais se pode dizer. Eliminemos portanto o "promete". Guido Wilmar Sassi — é dele que falamos — não é mais uma simples promessa, nunca foi uma promessa. É sim um autor novo de vastas perspectivas, uma vocação de verdadeiro escritor, que se realiza de forma insosfismável neste seu livro de estréia.

Com seu livro de estréia (PIÁ — contos, edições "SUL", Florianópolis, 1953), se coloca não só como o melhor contista catarinense de qualquer época, mas um dentre os melhores contistas brasileiros das novas gerações. Contos como "Calor", "Fila", "Papeleta", e outros mais, a isto o credenciam. Guido Wilmar Sassi sabe como realizar uma história, como, em poucas linhas, traçar um perfil, caracterizar um estado d'anima, dar um traço psicológico, gravar e erguer uma figura, pô-la a se movimentar diante de nós. E viver. Figuras de carne e osso, com suas paixões, passam pela obra. Exemplos do que afirmamos sobejam, bastando para que nos certifiquemos, folhear o livro.

Lidando com crianças, pois o volume se compõe de 16 histórias todas elas abordando temas da infância, assunto onde muitos outros autores de mais prática se perdem, Guido sempre consegue manter o e-

## Nossa Opinião

### Uma Estreia Importante

quilibrium. As crianças são em verdade crianças. Pensam, vivem, agem e reagem como crianças. É este um ponto importante e muitas vezes esquecido pelos autores.

O tom do livro é firme, a linguagem, quase sempre, precisa e sóbria. Se às vezes parece abusar da repetição ou de um lirismo fácil e ultrapassado, meio a la idade heróica do modernismo, para caracterizar uma situação qualquer, não o faz tanto que se torne num cacete. Bem verdade que poderia, neste ponto, ter-se contido mais, se limitar um tanto. Ao fechar o volume, notamos que, em quase todos eles, esta constância permanece, se faz notar mais do que o necessário. Contudo, verdade é que o autor sabe tão bem jogar com as palavras, que não se torna monótono nem cansativo. Mas aí está a nossa dúvida maior. E por isto chamamos a atenção do autor. Não estará ele, às vezes, bem raro, tentanto com este jogo de palavras esconder alguma deficiência? O importante é atacar os problemas de frente, tentar penetrá-los, desvendá-los, vencê-los. E não torná-los, em próximo volume, analisando, estudando este ponto detidamente, Guido saberá livrar-se deste quase cacete e vencê-lo.

O importante, o fundamental é que Guido Wilmar Sassi sabe o que quer, que fim atingir com sua literatura. É uma literatura firme, corajosa, positiva. Entranhada nos problemas humanos, mostra-nos sem sub-

terfúgios a vida de miséria e dificuldades da população serrana. Através das histórias, entremeadas às crianças, desfilam figuras, problemas só amontoam, verdades são desvendadas. Guido nada encobre nem embeliza. Também não exagera. Conhece a justa medida, sabe a proporção exata. Enfrentado nos problemas, vivendo-os, sentindo-os, acompanhando-os desde pequeno, pode apresentá-los sem exageros e com fidelidade. E se não apresenta solução, se não faz a tão discutida e por vezes detestável literatura de tese, não é nunca um alheio, mas um participante, no melhor sentido da literatura participante. Se não apresenta soluções aos problemas é porque, vivendo com o personagem, integrando-se nele, pensando, sendo o personagem, só pode reagir como este reage. E este não tem ainda consciência clara, visão nítida dos problemas, e das soluções. Portanto a nosso ver a atitude de Guido é a atitude certa. Agir de maneira diversa seria falsear a verdade, fugir à realidade e aos fatos, não encará-los como devem ser encarados.

Quem conhece as nossas populações do interior sabe que na maioria das vezes elas mais vegetam do que vivem, mil e um preconceitos que lhes e um preconceitos que lhes tolfem a liberdade, intimidam, acovardadas, com relâmpagos, reflexos passageiros de reação e revolta. Buscando uma solução, mas desorientadas. Assim, nas entrelinhas, as mostra Guido. Por vezes, com um leve toque,

grava, fixa um ridículo, como a velha dos peitos de "Fila" ou o jornalista do mesmo conto. Em outras apresenta um enigma, um fato, e como ele vai se aclarando aos olhos do personagem principal — sempre uma criança — como em "Diferença". Noutros é a poesia, leve, difusa, pairando em tudo, "mansfieldiana", como em "Mudança".

O principal é que lidando com crianças e compreendendo-as, analisando-as, sentindo-as, fazendo-as viver, Guido cria (ou recria), um ambiente que todos reconhecem como o da zona serrana, uma nova maneira de ver e estudar, de realizar uma literatura catarinense, de sentido universal. Se bem que de ambiente regional, local, os contos possuem em alto grau uma característica que os universaliza: o tom humano que percorre todos eles, a sinceridade que os domina. E os torna obras de arte. O importante na obra de arte é partir do regional para o universal; do particular ao geral. Dar uma mensagem do que é seu, mas uma mensagem que embora não deixando de ser dali, daquela parte da terra, facilmente reconhecível, com seus costumes e modismos, possa ser entendida e admirada em qualquer outra parte.

Não abusar do regionalismo — que é um mal. Não fazer cosmopolitismo — que é outro mal talvez maior.

Fazer arte. E Guido o consegue. Se um certo desequilíbrio ainda se nota, é natural. Se

uma certa desigualdade ainda existe — influências muito a flor da pele, muito notadas, maneiras de ser e reagir muito semelhantes a outras — é mais que natural. Demos dois exemplos: "Desejo" reflete clara influência de certo trecho de "Serviúdo Humana", de S. Maugham, enquanto "Mudança" é muito K. Mansfield. Mas coisas de momentos diante do real e incontestável valor do livro. Diante do poder do mesmo, poder de fixação da psicologia infantil muito especialmente.

Quando muitos jovens literatos brasileiros parecem andar desorientados atrás de uma pseudo literatura, chafurdante, quando a literatura apresenta tantos aspectos negativos e mórbidos, com influências nocivas e albeias à cultura brasileira, quando a busca desesperada e desesperante de originalidade — toma a cabeça — e alguns jovens autores, é bom ler-se um livro sério e equilibrado como o de Guido Wilmar Sassi. Um livro bem escrito, um livro humano, um livro que apesar do que apresenta — dificuldades de vida, crianças abandonadas e maltratadas, dor, miséria e fome, incompreensão e luta — é um livro, no fundo, positivo, um livro otimista, um livro de confiança e fé no futuro, quando, conforme diz a dedicatória a todas as crianças do Brasil e do mundo quando "um dia, por mais distante que esteja esse dia, todos sejam felizes".

Com "PIÁ" Guido Wilmar Sassi se credencia, sem favor algum, mas de direito, a um lugar de merecido destaque entre os novos contistas brasileiros. Florianópolis, janeiro, de 1954 S. M.

## 011: A folha nas letras e artes

MIGUEL, Salim (Dir). A Folha nas letras e artes. **Folha Popular**. Florianópolis.

# A Folha nas Letras e Artes

Direção de **SALIM MIGUEL**

### Notícia do Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais

Prosseguem cada vez com mais entusiasmo os trabalhos preparatórios do Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais, a se reunir de 14-21 de fevereiro próximo, em Goiânia. Reuniões, palestras, exposições, vem sendo realizadas, quer em Goiânia, sede do Congresso, quer no Rio, São Paulo, etc. Delegados do Congresso percorrem o país, ativando os trabalhos, auxiliando na organização das Delegações estaduais, esclarecendo. Mais de 800 assinaturas já foram colhidas em quase todos os Estados do Brasil. Convites para nomes dos mais representativos da cultura estrangeira foram expedidos, sendo de esperar que muitos países se façam representar, dando assim um interesse ainda maior ao Congresso.

Além da verba de Cr\$ 500.000,00 votada pelo governo de Goiás, bem como outras facilidades para os Delegados, é de se notar ainda, isto para não se falar do Rio e S. Paulo, os auxílios para a formação das Delegações de Pernambuco (Cr\$ 40.000,00 do governo estadual), Ceará (Cr\$ 50.000,00 do governo estadual e Cr\$ 10.000,00 da prefeitura), Rio Grande do Sul (possivelmente um avião especial para o transporte da Delegação gaúcha, que se comporá de 20 elementos), etc.

Dentre as últimas assinaturas de apóio ao Congresso, anotamos: Prof. Josué de Castro, autor de "Geografia da Fome" e "Geopolítica da Fome", livros mundialmente conhecidos, sendo seu autor autoridade reconhecida como das mais capazes no terreno de sua especialidade; Peregrino Júnior, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras; Fernando de Azevedo, escritor e educador; Alberto Cavalcanti, cineasta, famoso diretor brasileiro da vanguarda francesa e do documentário inglês; Paulo Mendes de Almeida, procurador Geral do Estado de São Paulo, e muitos outros.

Também aqui entre nós o Congresso tem encontrado apóio, já se contando por dezenas os signatários da Convocatória. O Governo do Estado se prontificou em auxiliar este conclave de cultura, que, por uma semana, reunirá em Goiânia a intelectualidade brasileira, para discussão e debate dos múltiplos problemas atinentes à classe.

Em nosso próximo número daremos o nome dos Delegados que representarão Santa Catarina.

### Existe uma Literatura Catarinense?

— Interrogado sobre a existência ou não de uma literatura catarinense, genuinamente barriga-verde, cabe-me uma resposta: literatura catarinense, equacionada em termos regionais, não há. Excetuando a obra de Tito Carvalho, "Balha do arróio", nada mais se escreveu, aqui, nesta parte do Brasil, sobre tema ou assunto, próprio da terra, até bem pouco tempo.

— Ultimamente duas tentativas apareceram, neste sentido, em edições "SUL": "Alguém gente" e "Piá" — ambas, a meu ver, possuidoras dos requisitos indispensáveis à uma literatura regional: localização (cenário) e expressão linguística. Está, entretanto, na hora de mostrarmos que Santa Catarina tem condições para a existência de uma literatura regionalista.

Walter F. Piazza — Professor, escritor, diretor do Boletim da Sub-Comissão Catarinense de Folclore.

### Quais os Melhores

1) — Quais os 5 melhores filmes estreitados em 1953 em Florianópolis.  
2) — Qual o melhor filme nacional? Florianópolis?

Fúlvio L. Vieira, advogado

1) — Direito de matar  
2) — Luzes da ribalta  
3) — Sinfonia de uma cidade  
4) — Amanhã será tarde demais  
5) — O barba azul  
Nacional: — O cangaceiro

Alfredo L. Meyer, acadêmico de direito:

1) — Luzes da ribalta  
2) — Direito de matar  
3) — Um lugar ao sol  
4) — Sinfonia de uma cidade  
5) — Montanha dos sete abutres  
Nacional: — O cangaceiro

José Hamilton Martinelli, estudante secundário:

1) — Montanha dos sete abutres  
2) — Direito de matar  
3) — Uma rua chamada pecado  
4) — Luzes da ribalta  
5) — Um lugar ao sol  
Nacional: — O cangaceiro

---

NOSSA OPINIÃO

## CRISE EDITORIAL

É um problema dos mais graves e complexos esse da crise editorial. Que dia a dia vem se tornando mais agudo. Os autores reclamam, os editores reclamam, reclamam os livreiros e reclamam os leitores. E todos têm razão. Se outros mais reclamassem, razão também teriam. Sob a matéria prima, sob a mão de obra, tudo sobe. Na verdade o preço do livro é uma barbaridade. Mesmo em relação com outras necessidades. Pois embora não pareça, o livro é, deve ser, precisa ser, um artigo de primeira, de primíssima necessidade.

Mas analisado friamente o problema, encarada a situação sob os seus múltiplos aspectos, vê-se que o preço do livro nada mais é do que consequência de todo um estado geral de coisas. Sei muito bem não ter descoberto a pólvora, porém nunca será demais frisar, bisar e rebisar o fato.

Tudo subindo astronômicamente, o livro tem obrigatoriamente que acompanhar esta alta. Sendo ainda, no Brasil, o livro, um artigo quase de luxo, sem a compreensão da necessidade fundamental dele na vida do homem, então acontece que ele sobe mais do que os outros gêneros.

E aí caímos num círculo vicioso. O livro não se vende porque é um artigo caro. E não se vendendo, é claro, o povo não pode se acostumar ao livro. E não se acostumando ao livro, por não o poder adquirir, os tiragens continuam sendo pequenas e o livro continua mais caro. Sempre mais caro.

Não se diga agora que o brasileiro não compra livro porque não quer ou não gosta de ler. Absurdo! Exemplos do contrário sobejam. Verdade que precisaria talvez ser mais acostumado ao contacto com os livros. Mas isto não é culpa dele. E prá que acostumá-lo? Se não os poderá comprar!

Agora, se dissermos que as classes abastadas, as que podem comprar livros, não os compram, estaremos perto da verdade. Não compram livros nem os leem. Ou quando os compram é por

que se tornou, hoje em dia, bonito fingir cultura, ter uma elegante biblioteca de livros fechados, encadernados e bonitos, bem arumadinhos nas estantes.

Para se ter uma prova do interesse do povo pelo livro, basta se observar como as "queimas" de livros logo desaparecem, como os sebos vendem muito mais e como as edições populares alcançam boas tiragens. A objeção de que o livro mau, a literatura de cordel se vende mais, não vale. Tudo nesta vida é questão de preparação, consequência de "aclimatação" e continuidade. Tire-se os best-sellers infames, dê-se bons livros e a preço acessível e ver-se-á como em pouca as tiragens das boas obras aumentarão.

Não podendo comprar livros, — não tendo aprendido ou havendo desaprendido o manuseio dos livros — inconscientemente o homem procura um derivativo mais a altura de suas possibilidades: vai ao cinema, escuta rádio, lê jornais e revistas, etc.

Mas tudo isto não basta. E ele sente falta de algo.

Precisamos, devemos lutar pelo barateamento do livro, pela sua divulgação em larga escala, por uma cultura geral e mais ampla possível acessível ao povo.

E o problema do livro está interrelacionando com uma série de outros problemas. Inútil e impossível tentar resolvê-lo por si só. Inútil, numa avalanche, procurar conter a torrente que desce violenta, antepondo-lhe minúscula barreira.

O que é necessário, o que é imprescindível, o que é inadiável é que todos os problemas sejam equacionados e solucionados logo, em conjunto, por uma reforma de base. Pois só assim o poderá ser o problema editorial que vem afligindo o país.

A crise do livro não é nem poderia ser uma crise isolada, surgida do nada; mas consequência de toda uma série profunda de fatores correlatos, de todo um estado de coisas que atinge os mais diversos setores e atividades da coletividades. E só desaparecidas estas, desaparecerá ela.

S. M.

## 012: A folha nas letras e artes

MIGUEL, Salim (Dir). A Folha nas letras e artes. **Folha Popular**. Florianópolis.

# A Folha nas Letras e Artes

Direção de SALIM MIGUEL

**... PERGUNTAS**

1 — Existe uma literatura catarinense ?

2 — Quais os requisitos para a existência de uma literatura catarinense ?

3 — Se existe, quais as características dessa literatura ?

**RESPOSTAS**

1 — Não. Muito embora tenhamos possuído, no passado, vultos como Cruz e Souza, Luís Delfino e Virgílio Várzea, nem eles nem os intelectuais de hoje, poucos e isolados, conseguiram projetar-se num só bloco, uniforme e coeso, capaz de constituir uma literatura caracteristicamente catarinense.

2 — Dois, de vital importância, e sobre os quais, infelizmente, os nossos homens de letras, dotados de boa vontade, não podem interferir:

1) — O abandono do culto a medalhões passadistas e rançosos, que não podem ser

## Existe uma Literatura Catarinense ?

a zona litoreana, as lutas dos pescadores e as cidades que constituem portos de mar.

3 — Prejudicada pela primeira reposta. Não entanto fugindo à questão e aproveitando o espaço, embora exíguo, queremos salientar que, no referente às pesquisas históricas, sociológicas e folclóricas, estamos nos podendo exprimir, e as cidades semi-indústrias, como Joinville e Blumenau; a influência e a importância da imigração italo-gemânica nas zonas em que... se formaram "colônias", notadamente as do Vale do Itajaí; a região serrana, o oeste e as regiões rurais, onde se fez sentir a influência gaúcha e a vida dos nossos camponeses; as fazendas, onde os "coronéis" ainda existem; os lugarejos do interior ou situados na fronteira;

chamados de intelectuais, como também o uso adequado dessa expressão que, em nosso Estado, é atribuída a qualquer pessoa que saiba "botar" um discurso bonitinho, bem recheado de palavras difíceis, mas vazios, vazios... que nem pastéis. Essa gente ainda não fez nada, nem o fará nunca, em prol de literatura nenhuma.

II) — O apoio dos poderes públicos aos verdadeiros intelectuais, facilitando-lhes a publicação de livros, cadernos e revistas.

Ao escritor cabe assentar de acordo com a indoleção do nosso povo, e baseando-se nas características e peculiaridades da terra, os fundamentos da nossa literatura. Contudo, nunca será demais lembrar que uma literatura, para formar-se e subsistir, deve ser plasmada em temas regionais, não perdendo nunca, porém o seu cunho universal.

Entre os diversos assuntos característicos do nosso Estado, e que se encontram quase virgens, à espera de aproveitamento, quer na literatura de ficção propriamente dita, como também em monografias, ensaios ou estudos econômico-sociológicos, podemos citar os seguintes:

Os ambientes e problemas, peculiares a certas zonas onde se procedem culturas básicas ou indústrias extrativas que possam originar os chamados "ciclos", como a fécua de mandioca, o pinho, o arroz o

1) — Quais os cinco melhores filmes estreitados em 1953 em Florianópolis ?

2) — Qual o melhor filme nacional ?

Élio Ballstaedt, professor:

1) — Luzes da Ribalta

2) — Direito de Matar

3) — Amanhã será tarde demais

4) — Nascida ontem

5) — O ódio é cego

Nacional: — O Cangaceiro

Helena P. Mendonça, ceneclubista:

1) — Luzes da Ribalta

**Nossa Opinião**

**Um Documento Impar**

2) — Nascida ontem

3) — Montanha dos sete abutres

4) — Direito de Matar

5) — Poço de angústia

Nacional: — Agulha no palheiro

Walmor Cardoso da Silva, advogado, poeta, secretário da revista "SUL":

1) — Céu sobre o pântano

2) — Luzes da Ribalta

3) — O Direito de matar

4) — A montanha dos sete abutres

5) — A mulher falada

Nacional: — O Cangaceiro

Dentre as obras aparecidas no ano findo é de justiça destacar o livro de Graciliano Ramos, "Memórias do Cárcere", um impressionante documento humano e artístico, possivelmente o mais impressionante livro do gênero já publicado no Brasil em qualquer época.

Escrito com aquela propriedade de linguagem, com aquela precisão de estilo que só mestre Graça possuía, o livro é um libelo tremendo. Pois ficará como espelho de um dado período do Brasil.

Páginas como as do porão do navio, e as da colônia correcional, mui especialmente, parecem saídas de um inferno dantesco, fantasias de espírito alucinado, pesadelos que nos deixam angustiados, mas nos prendem estranhamente e nos repugnam. Saímos do livro aturdidos, abatidos, descrentes de que tal coisa pudesse ter existido tão perto de nós e mais desejosos de lutar para que fatos semelhantes não se repitam.

Graciliano sabe como ninguém, em poucas linhas, fazer uma pessoa viver, ressurgir daquele passado, falar e agir. Suas análises são sempre precisas, exatas, verdadeiras. Seus retratos de tipos que com ele conviveram são reais. Prendendo-se ao essencial, martirizando-se para ser o mais possível sincero, voltando e voltando ao tema quando julga não o ter exgotado ou captado completamente, não procurando de maneira alguma fazer ficção, mas retratar uma época complexa e dramática, ele nos transporta daquele período de desnutrição e asfixia, onde os valores estavam subvertidos, campeando a mais completa desorganização.

Vale o livro como uma análise não só da época, mas também da pessoa de Graciliano. Lendo-se "Memórias do Cárcere", muito mais se compreende o autor de "Infância". Por outro lado é quase imprescindível o conhecimento dos outros livros do autor, para que se possa captar tudo o que contém as "Memórias". Ali está, por exemplo, o personagem do conto "Um Ladrão". Ali está a explicação de personagens de outros livros, como "Angústia". Ali está enfim, toda a psicologia de Graciliano, e os seus dramas íntimos.

"Memórias do Cárcere" foi muito justamente comparado a "Recordações da casa dos mortos", de Dostoiévski. Não se pode, em verdade, lê-lo, sem que se faça comparações com o livro do escritor russo. Embora, como muito bem salientou R. Magalhães Júnior, o livro do escritor brasileiro nos atinja muito mais, porque se passou há poucos anos e muitas das pessoas referidas na obra, a maioria delas, ainda vive e aí está para confirmar a veracidade do relato.

Não é nossa intenção nem nos julgamos credenciados a fazer uma análise da obra. Apenas queremos deixar aqui assinalada a profunda impressão que a mesma nos causou.

Nesta nota queremos assinalar ainda outro fato.

Graciliano Ramos, homem reconhecidamente arreado, complexo, escondendo uma grande porção de ternura humana sob a casca de rudeza, viveu sempre uma vida modesta e simples. Não teve as graças oficiais nem as queria. Espírito independente, abominava as hipocrisias de uma sociedade fundada sobre a inveja, o orgulho, a incompreensão e a maldade. Lutava a seu modo por uma modificação do estado de coisas atual. Onde os homens mais se compreendessem e respeitassem.

Graciliano, em vida, quase só conheceu lutas e dificuldades. Reconhecido o maior escritor de sua geração e um dos maiores do Brasil em qualquer época, a edição de seus livros era pequena e restrita.

Mas morreu, vítima de traiçoeira moléstia, não resistindo aos sofrimentos anteriores, é logo pôsto entre figuras que ele tanto abominava.

Agora fala-se que o governo do seu estado natal lhe vai mandar erguer um busto para uma das principais praças da cidade.

Pobre Graciliano, tão intenso a estas coisas de comemorações! Nem depois de morto terá descanso. Deixaram que morresse o autor de "Vidas Secas" para realizar o que em vida dele não teria coragem de lhe propor, pois seriam corridos em meia dúzia de palavras...

S. M.

**013: Pagina literária : Cenas da vida brasileira - 21 de out/1951**  
 MELO, Osvaldo F. de; MIGUEL, Salim (Dir). Página literária: cenas da vida brasileira. **Diário da Manhã**. Florianópolis, 21 de out/1951, pag.5.

# PÁGINA LITERÁRIA

NOTAS DE LEITURA

- v -

Direção de:  
OSVALDO F. DE MELO (filho)  
c  
SALIM MIGUEL

S. M.

## Cênas da vida brasileira

(CONTINUAÇÃO)

Nestas "CENAS" de Marques, domina a insinuação, a palavra dita a meio, sugerida. Daquele mundo fragmentário, nós, aos poucos, vamos recriando à nossa imagem e gosto, um mundo, feito, entrosado do mundo real, do que o autor nos sugeriu e do que nós vamos criando, completando. E então, daquele todo do qual nós coparticipamos, surge um mundo quiçá mais real e verídico.

Não sabemos se alguém já terá notado ou se foi porque o próprio Marques muito nele nos falou, chamando-nos a atenção, apesar de todas as possíveis diversidades, há no autor de "A ESTRELA SOBE" muita semelhança com o autor das "HISTÓRIAS NATURAIS". Jules Renard.

Em ambos aquela mesma simpatia por todas as coisas, bichos, pedras, árvores, homens, mas escondida sempre, reprimida, encoberta por uma casca de escárnio, de perene ironia e maliceência. Não levar nada a sério, rir-se de tudo, zombar, eis uma boa maneira de mostrar solidariedade. De procurar auxiliar. Mesmo contra a vontade. Mesmo sempre negando, negaceando, mantendo a máscara de impassível.

Repitamos aqui o que ficou dito em uma nota nossa anteriormente escrita e que foi mais ou menos: "no fundo Marques não passa de um grande lírico, sentimentalidade, enxarcado de amor à humanidade, desesperado diante da incompreensão dos homens, e que por isto se esconde, se isola, esconde o verdadeiro eu. Então criou assim como que uma segunda natureza... para segurança própria. Mas não consegue nem se iludir nem aos demais.

Nestas "CENAS" que pretendíamos comentar quando nos deixamos levar por estas divagações à margem, é onde melhor se pode notar isto — ou mais facilmente! — e onde mais êle se entremostra.

De vez enquanto, como numa explosão, eis que surge o lírico.

Saudoso das velhas casas, das igrejas pequenas e românticas, das vilas calmas e antigas, tradicionais e pacatas, do povo simples que nelas vive; amante do avanço, das comodidades as quais se gruda crustaceamente, do progresso real: dentro dêle se entrechocam os múltiplos indivíduos de que se compõe a personalidade humana. To-

dos nós. Só que nele, devido à sua grande sensibilidade de artista, tudo isto é mais sofrido, repercute em maior grau...

As coisas não são como nós queremos, nem permanecem como as guardamos dentro de nós, talvez mesmo embelezando-as. Sofrem mutações, deformações. E quando as revemos, nada mais nos dizem, pois não correspondem à imagem que delas fazíamos. Por isto o artista exclama:

"Barbacena é mais o passado. O meu passado, ó rapazes e raparigas do jardim".

E reclama:

"Adeus, Barbacena, nunca mais nos veremos! Já não 's Barbacena, és outra coisa — paralepipitada, ornada de globos lácteos, calçada de ladrilho por todos os passeios terrivelmente medíocre. A Barbacena verdadeira, de terra batida, terra que o vento levantava em turbilhões, a Barbacena que eu amei, esta ficou no passado perdida, mas ainda cantará por vêzes, no fundo do meu coração".

Com êle, cicerone amável e inteligente, extremamente vivo e extremamente sarcástico, viajamos Brasil em fora, paramos por cidades e vilas. E os comentários surgem lépidos, vivos, audaciosos:

Em "VITORIA — 1940" êle nos diz:

"A mãe piedosa contava que Jesus foi vendido por trinta dinheiros. Ao que o pequeno perguntou: — Barato ou caro?"

Mas já esquecido do que dissera sobre Barbacena, sem imaginar que um outro poderia, em vendo-a modificada, ter as mesmas expressões magoadas que êle, exclama irado:

"ENTRE-RIOS — 1942:

Era assim há cinquenta anos. Daqui a cinquenta anos será assim. Comida miserável, calor desesperante, poeira de carvão. Moscas, moscas, milhões de moscas. Farrapos miseráveis cobrindo corpos miseráveis".

CONCLUI DOMINGO)

Esta semana nas livrarias  
**"Velhice e outros contos"**  
 de Salim Miguel, edição da  
 "REVISTA SUL"



## Índice por ano

-	A folha nas letras e artes	<b>Folha Popular</b>	<a href="#">004/011</a>
-	A folha nas letras e artes	<b>Folha Popular</b>	<a href="#">004/012</a>
1951	Página literária	<b>Diário da Manhã</b>	<a href="#">004/013</a>
1954	A folha nas letras e artes	<b>Folha Popular</b>	<a href="#">004/010</a>
1956	A verdade nas letras e artes	<b>Jornal a Verdade</b>	<a href="#">004/001</a>
1956	A verdade nas letras e artes	<b>Jornal a Verdade</b>	<a href="#">004/002</a>
1956	A verdade nas letras e artes	<b>Jornal a Verdade</b>	<a href="#">004/003</a>
1956	A verdade nas letras e artes	<b>Jornal a Verdade</b>	<a href="#">004/004</a>
1956	A verdade nas letras e artes	<b>Jornal a Verdade</b>	<a href="#">004/005</a>
1957	Literatura e arte	<b>Jornal O Estado</b>	<a href="#">004/006</a>
1957	Literatura e arte	<b>Jornal O Estado</b>	<a href="#">004/007</a>
1957	Literatura e arte	<b>Jornal O Estado</b>	<a href="#">004/008</a>
1963	Artes e letras	<b>Jornal O Estado</b>	<a href="#">004/009</a>